



ORIENTE MÉDIO

Desde o início da guerra na Faixa de Gaza, 171 jornalistas perderam a vida em bombardeios israelenses. Um dos últimos, Fatma Hassouna, morreu com nove familiares, um dia depois de seu documentário ser selecionado em Cannes

Fotos: Fatma Hassouna/Divulgação



Sequência de imagens feitas por Fatma: família prepara pão, em Az-Zawaida, na região central de Gaza; homem chora diante de cadáver em mortalha; criança sorri entre os escombros; mulheres se abraçam, em meio à dor

A verdade como vítima

» RODRIGO CRAVEIRO

"Se eu morrer, quero uma morte retumbante. Não quero estar nas notícias de última hora ou ser um número dentro de um grupo. Quero uma morte que o mundo ouça, um impacto que dure para sempre e imagens imortais, que não serão enterradas pelo tempo ou pelo lugar." Fatma Hassouna escreveu essas palavras em junho de 2024, oito meses depois do começo da guerra na Faixa de Gaza. A repórter fotográfica e artista palestina foi morta à 1h (hora local) da última quarta-feira, aos 25 anos, enquanto dormia. Um bombardeio israelense destruiu a casa da família, no bairro de Al-Tuffah, na Cidade de Gaza. Além dela, morreram nove familiares, incluindo três irmãos, de 10, 15 e 20 anos, e uma irmã, de 23, grávida de seis meses; os pais ficaram feridos.

Fatma acabou se tornando estatística, um dia depois de saber que o seu documentário *Put Your Soul on Your Palm and Walk* ("Coloque sua alma na palma da mão e caminhe", pela tradução livre) foi selecionado para o Festival de Cinema de Cannes. Desde 7 de outubro de 2023, quando Israel começou a atacar a Faixa de Gaza, 171 jornalistas perderam a vida na guerra — em média, um a cada três dias.

Em 17 de janeiro de 2025, o também repórter fotográfico Mohammed Hiesham Salem, 29, conversou com Fatma. "Mohammed, se algo acontecer comigo, deixe que o mundo saiba sobre mim e minhas fotos. Eu não gosto de drama, mas confio em você", escreveu a amiga, em mensagem compartilhada por Mohammed com a reportagem. Ontem, ele enviou ao **Correio** dezenas de fotos de Fatma.

Um dos sete irmãos de Fatma, Mujahid Raed Hassouna, 23, contou ao **Correio** que ela sentia a morte próxima. "Dois dias antes (do bombardeio), Fatma falou sobre sua amiga Mahasin, que foi martirizada em um ataque da ocupação israelense. Ela me

Stéphane de Sakutin/AFP



Manifestação em apoio à imprensa palestina, em Paris: "Gaza, detenha o massacre de jornalistas, solidariedade para com os nossos colegas"

Jihad Hassouna



Fatma Hassouna: carreira promissora interrompida pelas bombas

disse que sentia que seria a próxima a ser martirizada", lembra.

Mujahid revelou, ainda, que a irmã estava muito feliz com a

escolha do documentário para o Festival de Cannes. "Ela era muito ambiciosa e amava a fotografia e o jornalismo", descreveu. Para

ele, a morte de Fatma tem a ver com o fato de ela levantar a voz em prol dos palestinos. "Eles (israelenses) querem impedir que as vozes de civis inocentes, idosos e crianças ecoem pelo mundo afora", completou o irmão.

Diretora do filme feito em parceria com Fatma e ativista dos direitos humanos, a iraniana Sepideh Farsi afirmou ao **Correio** que trocou várias mensagens com Fatma, depois de saber da existência dela por um refugiado palestino, no Egito, em 2024. "Como as estradas estavam bloqueadas e eu não poderia entrar em Gaza, Fatma me ajudaria a ter uma voz lá dentro e a obter imagens. Nós nos falamos por chamadas de vídeo por quase um ano. As conversas se tornaram a base do documentário. Fatma é o centro do filme. Tentei lançar luz sobre a vida dela e sobre quem era. Meu foco era como as pessoas sobrevivem sob bombas e em meio à

fome, às restrições, aos cortes de água e de eletricidade, aos bloqueios. De forma tão generosa, paciente, com humor e resiliência, Fatma respondeu às minhas perguntas e era ansiosa em conhecer o mundo. Ela nunca colocou os pés fora de Gaza e amava viajar", disse Farsi.

Proposital

De acordo com a cineasta, Fatma tinha uma "energia incrível, além de generosidade e espontaneidade". "Ela brilhava, era rica em camadas, cantava, escrevia poemas, trabalhava com crianças traumatizadas pela guerra e distribuía comida para pessoas necessitadas. Fatma concordou em me enviar as fotos que fez. Parte das imagens está no filme. São fotos muito fortes, um grande testemunho da destruição sistemática e do genocídio em Gaza", acrescentou. Farsi

não tem dúvidas: "O bombardeio foi direcionado devido ao trabalho de Fatma como fotógrafa, ao documentar o genocídio".

Mohammed Salem tem um palpite para o fato de tantos jornalistas serem mortos em Gaza. "Isso ocorre porque eles transmitem a verdade ao mundo, e porque a imagem nesta guerra faz diferença. Israel está interessado em assassinar jornalistas para obscurecer a verdade", desabafou. O jornalista Motasem Daloul, por sua vez, disse ao **Correio** que conhece "muitos colegas" que perderam a vida nos bombardeios. "É uma tentativa de Israel de suprimir vozes e esconder os crimes israelenses", comentou. "Ser jornalista em Gaza é muito difícil, exaustivo, inseguro. Precisamos estar prontos para o choque ao vermos nossos familiares mortos."

Amigo de Fatma, o repórter fotográfico Hamza Al-Madhoun, 19, entende que jornalistas se tornaram alvo na guerra por conta da natureza de seu trabalho. "Eles sempre tentam transmitir uma imagem trágica da vida na Faixa de Gaza e tentam defender os seus direitos de documentarem os eventos", afirmou ao **Correio**. Ainda assim, Hamza não teme um destino trágico. "A morte é inevitável, todos estamos nesse caminho", justificou. Ele contou que Fatma era como uma "irmã mais velha" e um ser humano "maravilhoso". "Ela nada temia, a não ser Deus. Não tinha medo da morte. Pelo contrário, ela carregava a alma nas mãos e se arriscava para transmitir a imagem do seu povo."

Sepideh Farsi lembrou que as forças israelenses usam métodos diferentes de intimidação nos territórios ocupados contra a imprensa. "Um dos diretores de *No other land*, Hamdan Ballal, foi espancado por colonos e sequestrado. Israel também fechou os escritórios da rede Al-Jazeera em Gaza e a declarou ilegal. Quanto mais se mata jornalistas, e essa é uma realidade cínica, menos haverá a cobertura de fatos e a partilha da verdade", lamentou.

VATICANO

Papa Francisco aparece na Praça São Pedro

Ainda em recuperação de uma pneumonia que o deixou 38 dias internado, o papa Francisco desejou "Feliz Páscoa" aos milhares de fiéis reunidos na Praça de São Pedro, no Vaticano. Um mês após receber alta, a presença do pontífice de 88 anos era incerta. Às 12h (7h, no horário de Brasília), ele surgiu em uma cadeira de rodas na varanda da basílica, para a tradicional bênção Urbi et Orbi.

Dirigindo-se aos fiéis, Francisco denunciou "uma situação humanitária dramática e ignóbil" em Gaza e pediu um cessar-fogo. Também disse que "é preocupante o crescente clima de antissemitismo que está a se espalhar por todo o mundo". Sem a cânuca com oxigênio, o papa precisou recorrer a um

colaborador, que leu sua mensagem. "Não é possível haver paz onde não há liberdade religiosa ou onde não há liberdade de pensamento, nem de expressão, nem respeito pela opinião dos outros", destacou.

Depois, Francisco surpreendeu e percorreu a Praça de São Pedro no papamóvel, momento em que abençoou alguns bebês. Quase 35 mil pessoas acompanharam de perto a bênção do papa que, pela primeira vez desde que foi eleito, em 2013, não participou da maioria das celebrações da Semana Santa, como a Via-Crucis próxima ao Coliseu na sexta-feira e a Vigília Pascal de sábado à noite.

No sábado, no entanto, pouco antes da vigília, Francisco fez uma breve aparição pública na Basílica

de São Pedro para rezar diante da imagem da Virgem Maria e, depois, acenou para vários fiéis, além de distribuir doces entre as crianças.

A missa de Páscoa, que celebra a ressurreição de Cristo, começou ontem às 5h30 de Brasília em uma praça decorada com milhares de flores holandesas, na presença de 300 párocos, bispos e cardeais. A celebração foi presidida pelo cardeal italiano Angelo Comastri.

Visita

Durante a manhã, o papa recebeu o vice-presidente dos Estados Unidos, JD Vance, em um "encontro privado de alguns minutos", dois meses depois de Francisco criticar a política migratória do governo de

Donald Trump. Em um comunicado, a Santa Sé informou que ambos trocaram votos pela Páscoa. "É um prazer vê-lo em melhor estado de saúde", declarou Vance ao papa argentino. "Obrigado por me receber. Rezo por você todos os dias. Que Deus te abençoe", acrescentou.

O vice-presidente americano, um católico fervoroso, quer fazer de seu país um baluarte dos valores conservadores, limitando drasticamente a imigração. Em fevereiro, Francisco condenou, em uma carta aos bispos norte-americanos, as expulsões em massa de imigrantes. "O que se constrói à base de força, e não a partir da verdade sobre a igual dignidade de todo ser humano, mal começa e mal terminará", advertiu.

AFP



O pontífice surpreendeu e circulou entre fiéis no papamóvel